



ESTÉTICA LITERÁRIA INGLESA: Os elementos artísticos constituintes da épica medieval em Beowulf

ENGLISH LITERARY AESTHETICS: the artistic elements constituting the medieval epic in beowulf

Evandro Rosa de Araújo

RESUMO

A pesquisa tem o objetivo de analisar os aspectos artísticos e estilísticos da épica medieval, para isso foi usado como objeto da pesquisa o poema Beowulf, que foi provavelmente escrito em 700 – 800 d.C. Testemunho do surgimento da língua inglesa na Inglaterra, com uma ornamentação linguística sem igual, o poema tem sobrevivido à prova do tempo e chegou à modernidade encantando todos aqueles que se aventuram a lê-lo. Dessa forma, buscando divulgar essa obra, torna-se pertinente um estudo da narratividade de Beowulf. Assim, os instrumentos de análise deste trabalho centram-se na análise literária preconizada pela teoria literária, explorando seus aspectos de criação artística, históricos, linguísticos e sociais que fazem desse trabalho um poema narrativo primordial de encanto sem igual, considerado o grande marco de surgimento da língua e da literatura inglesa. Para isso, foram usadas fontes bibliográficas da teoria da poesia, da historiografia literária, entre outras. Autores como Borges (2002), Golden e Lapidge (1991), Rosenfield (1986) e Spina (1973), entre outros, foram essenciais para a construção deste texto. Nesse sentido, espera-se que esse artigo sirva como instrumento de motivação para estudos de obras do período medieval.

PALAVRAS-CHAVE: Épica Medieval. Modernidade. Linguagem poética. Beowulf.

ABSTRACT

this article aims to analyze the artistic and stylistic aspects of the epic text from medieval times. For it, we used as object the poem Beowulf; it is from 700 - 800 A.D. The poem is a long poem that shows the beginning of the Literature and English language in England. The text has a unique linguistics ornamentation, which expresses its time and survived the times passed and has reached in modernity, enchanting people who venture to read it. Thus, seeking to disseminate this poem, this article becomes pertinent, because it shows Beowulf's narrative in a magic perspective. The instruments of analysis of this work focus on the literary analysis recommended by the literary theory, exploring its artistic, historical, linguistic and social aspects that make this work, a primordial narrative poem. In this research, some bibliographic sources of poetry theory, literary historiography, among others were so important. Authors such as Borges (2002), Golden and Lapidge (1991), Rosenfield (1986) and Spina (1973), among others, were essential to write this text. In this sense, we hope this article will serve as an instrument of motivation for studies from the medieval period.

KEYWORDS: Medieval Epic. Modernity. Poetic language. Beowulf.

INTRODUÇÃO

A ideia de desenvolver este artigo, tendo como objeto de estudo o poema Beowulf, nasceu no contexto de sala de aula de Literaturas de Língua Inglesa. Durante alguns anos, tenho trabalhado com esta obra para exemplificar o surgimento da tradição oral na Inglaterra e, conseqüentemente, o surgimento da Literatura de Língua Inglesa, conforme pode ser explicitado em obras de autores como Borges (2002), Burgess (2000), Mitchell e Robinson (1992) e tantos outros. Na verdade, sempre que este estudo é feito, os alunos ficam admirados com a linguagem e a riqueza poética que este poema possui, e alguns alunos ficam pesarosos por terem tido acesso a este poema somente no quarto ano do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Visando divulgar o poema Beowulf e logicamente os seus elementos estilísticos, busquei desenvolver neste texto um estudo bibliográfico, que objetiva mostrar, por meio da análise do poema, apoiada nas teorias de estudo de poesias contemporâneas e medievais, um pouco das qualidades do poema que provocam fascínio, que em primeira mão parecem implícitas, mas que vão se materializando ao longo da leitura cuidadosa dos versos heroicos, místicos e, por vezes, sombrios de Beowulf. Devido à descontinuidade do texto e suas particularidades na mudança de tons, em alguns momentos, o leitor pode achar um pouco complexa a tarefa. Goldsmith (2013, p. Xii) nos alerta sobre isso dizendo: “The central critical questions about Beowulf arise from its peculiar structure, the discontinuity of its narrative, and its abrupt changes of tone” (GOLDSMITH, 2013, p. Xii). Mas isso não pode ser empecilho que desmotive o estudioso que queira adentrar nas profundezas do texto poético medieval.

A literatura especializada tem mostrado que a grande maioria das pessoas que iniciam estudos de obras medievais continuam a estudá-las ou pelo menos passam a observá-las não como um universo intransponível, como pode ser confirmado em Borges (2002), Moisés (2000), Silva (2005) e tantos outros. Silva (2005, p. 40) faz a seguinte afirmativa: “Apesar de apresentar uma certa resistência inicial decorrente da linguagem utilizada pela literatura anglo-saxônica, o estudante brasileiro passa a assimilar com facilidade o seu estilo após se familiarizar com as características dessa literatura”.

Ao iniciar a presente pesquisa, pude observar, analisando alguns manuais, que existe uma lacuna, pois, embora considerando que o acadêmico possa gostar das obras do período

medieval, os livros dificilmente priorizam a análise de obras produzidas na Idade Média. Elas, na verdade, são obras negligenciadas, talvez pela dificuldade de entendimento que encerram, podendo exigir muito do professor que queira utilizá-las. Mas também pode ser pelo fato de que vivemos em um mundo completamente diferente daquele no qual o poeta medieval compunha a sua arte, e muitas vezes o mergulho neste universo nem sempre é tarefa fácil. Nesse sentido, Spina (1973) assinala que:

A literatura medieval possui belezas insuspeitáveis. Mas para surpreendê-las e senti-las, devemos penetrar nessa época com aquele mesmo espírito que orientou o Romantismo no seu afã de regresso à Idade Média; só ele conseguiu reviver esse mundo encantado da poesia, das catedrais e dos torneios de cavalaria (p. 11).

Para entender trabalhos escritos de uma idade diferente da nossa, temos de tentar reproduzir em nossa mente o cenário daquele período, pois a arte é, na verdade, a imitação do real, não um real circundante de falácias facilmente desvendáveis, mas sim daquele preconizado na *Poética* de Aristóteles, que nos alerta sobre a natureza do objeto artístico, dizendo que, se essa arte fosse verdadeira, ela por si só não seria arte.

Dessa maneira, buscando entender um pouco da épica medieval, será desenvolvido aqui um estudo do poema Beowulf, refletindo sobre seus enfoques enquanto poesia épica e as imagens poéticas que são aprisionadas nesse poema.

Embora o autor deste poema tenha sido bastante enigmático, utilizando uma linguagem que vai além do que podemos entender sobre a poesia medieval nos dias de hoje, sem dúvida, é um esforço que vale muito a pena. Com relação a essa questão da quase intransponibilidade do texto, muitos autores da estética literária inglesa, como Borges (2002), McDowall (1989) e Silva (2005), entre outros, têm nos alertado sobre isso, e Goldsmith (2013, p. 01) nos diz que “the author has made no open statement about its signification, and no early reference survives to show how it was regarded when its language was still current”.

Beowulf é, na verdade, a mais antiga epopeia da literatura Inglesa. Embora este poema seja tão valorizado na Inglaterra, ele não foca os feitos desse povo, e sim dos dinamarqueses, o que o coloca também no cânone de outros países. Silva (2005, p. 45) alerta que,

Quando analisamos Beowulf, a primeira coisa que chama nossa atenção é o fato de que a literatura Inglesa se inicia com uma obra que não foi composta na Bretanha, não trata de eventos ocorridos lá e nem sequer menciona o seu nome e que mostra um herói sueco vivendo suas aventuras na Escandinávia.

Com essas palavras, podemos perceber o caráter multívoco e transcendental da arte

literária, que, mesmo em suas formas mais embrionárias, já tinha a preocupação de ir além das fronteiras de uma nação ou povo expresso, tornando-se assim um patrimônio de todos. Esse poema já foi traduzido para quase todas as línguas e transposto para inúmeros outras formas de arte, como o cinema, a música etc. O que nos leva a crer que essa obra, em seu original, enquanto texto, precisa ser mais bem divulgada no Brasil, principalmente no ambiente de sala de aula, pois com essa divulgação o estudante de Letras já possui insumos motivacionais para a sua leitura.

Mas é importante salientar que, devido à complexidade da linguagem medieval, aliada à natureza enigmática da obra, muitos aspectos ainda podem permanecer obscuros ao longo da apreciação do poema. Goldsmith (2013, p. 02) alerta que “No matter what modern efforts are made to illuminate it, the poem is likely to remain somewhat enigmatic, because of the nature of its diction and its narrative method”.

Pensando nisso e objetivando a melhor forma de entender os elementos do texto poético e organizar o artigo, ele foi dividido em três partes. Na primeira, veremos um pouco do que vem a ser uma épica e os elementos que dão essa característica ao poema Beowulf. Na segunda, focaremos um pouco do histórico literário e da mística do poema. Na terceira, será feita uma análise, visando uma compreensão mais detalhada das imagens que esse trabalho aprisiona ao longo de sua narratividade.

DESENVOLVIMENTO

1. Reflexões sobre o poema épico

Antes de qualquer coisa, é importante lembrar o quanto a poesia é antiga, pois se confunde com a própria existência humana, e ao mesmo tempo atual, pois "trata-se de um tipo de linguagem que chama atenção sobre si mesma" (EAGLETON, 2006, p. 03), o que aumenta sua possibilidade de sobrevivência e permanência ao longo do tempo. Certamente, a origem da poesia nós não conseguiremos rastrear, pois essa se confunde com o surgimento da linguagem. Mas podemos, por meio de referenciais teóricos bibliográficos, entender um pouco de seu comportamento ao longo da história, conforme pode ser conferido em autores como D’Onofrio (1981), Fernandes (2005), Paz (1982), Staiger (1975) e tantos outros.

Outro elemento importante que não pode ser descartado é que hoje, por meio dos esforços empreendidos pela arqueologia, foi possível identificar vestígios da existência e

permanência da poesia em épocas muito distantes e, com isso, chegamos à afirmativa de que ela acompanha o homem desde sempre.

Claro que primeiramente ela se manifestou na tradição oral, em uma época em que talvez a escrita não fosse tão divulgada devido às circunstâncias históricas que limitavam o ensino e a propagação de conhecimentos artísticos que não estivessem estritamente ligados à expansão dos preceitos da fé cristã.

Dessa forma, tendo em vista o poema Beowulf enquanto marco da expressão poética britânica medieval, é bom lermos o seguinte fragmento, para notarmos o quanto a linguagem poética dessa obra, mesmo sendo medieval e distante de quase tudo que concebemos hoje enquanto arte e expressão estética, vem ao encontro do ideal de expressão estética defendido na poética contemporânea, pois sua linguagem distancia-se da língua comum, e seus arranjos fazem deste poema um labirinto de curiosidades e inesperados efeitos que somente um poeta inspirado conseguiria criar. Por isso, ela é sublime, como muito bem destacam teóricos como Borges (2005), Mitchell e Robinson (1992), Silva (2005) e tantos outros.

Claro canto: artifício
 Cantava, pois, o poeta a criação,
 Em tempos priscos, dos homens; também,
 De como o todo-poderoso a terra
 Fez (tão pulcro plano com água posta
 Ao redor), e a reluzente luz
 Do sol e da lua — solene lume
 Pros habitantes da terra,
 adornada com folhas e galhos.
 (BEOWULF, 2007, p. 07).

Na esteira de delineação da épica britânica e observando o segundo verso do fragmento acima de Beowulf, dá impressão que o poeta mais cantava seus versos que recitava, o que dava ao poema uma conotação muito mais elevada, pois cada palavra entoada se nutria com a emoção de seu criador, o que faz do poema um típico representante das gestas medievais, sem perder a tonalidade ativa das grandes epopeias, criando e recriando universos e situações. Dessa forma, o poeta de Beowulf faz jus a sua criação, pois "a palavra poesia vem do grego poiesis: Criar, no sentido de imaginar" (MOISÉS, 2000, p. 81), e é justamente isso o que o poeta realiza nos inúmeros versos do poema Beowulf.

Evidentemente, na Idade Média, em solo britânico, o bardo que entoava os versos da gesta Beowulf fazia isso de forma a acreditar no poder de sua arte, colocando-a no nível do sagrado e do profano. Em certos momentos, ele elevava sua linguagem ao nível do heroico e sublime e da coletividade; depois, em certas passagens, colocava-se no universo da emoção, do sonho individual e da fragilidade humana frente ao universal. Para alcançar essa técnica,

certamente o poeta medieval teve de exercitar suas habilidades ao nível da exaustão. Fernandes (2005, p. 23) observa que “a ênfase concedida às formas consagradas pela experiência do passado encontra-se, normalmente, em estágios iniciais da travessia poética. Entretanto, o tempo e as incansáveis pelejas com e contra as palavras tornam o jogador autossuficiente, transformam-no em técnico”.

Assim, ao entendermos isso, compreenderemos que, embora os conceitos clássicos de estudo da poesia se dividam em lírica, representada pelo soneto, ode, etc., e épica, representada pelo poema, poemeto e epopeia, o que realmente acontece em quase todas as criações, sejam elas épicas ou líricas, é uma mistura de todas essas formas para que haja a construção de um bloco em que todas as instâncias da criação artística se constituam. Evidentemente, uma dessas esferas terá maior predominância sobre a outra no objeto artístico, conforme pode ser confirmado em pesquisas de teóricos como D’Onofrio (1981), Moisés (2000), Paz (1992) e muitos outros.

Assim, sabendo que tratar dessas várias formas literárias de forma isolada exigiria um aprofundamento que esse artigo não comporta e sabendo que, na verdade, não existe uma obra pura em seu gênero, como muito bem já salientou Bakhtin (2003) em suas pesquisas, buscou-se uma reflexão sobre poesia em geral, com especial enfoque no gênero épico.

A poesia épica, ou epopeia, é um texto heroico, uma narrativa extensa, uma coleção de feitos, de fatos históricos, de um ou de vários indivíduos, sejam eles reais, lendários ou mitológicos. Assim, segundo D’Onofrio (1981), “a função da poesia épica é perpetuar, através da arte literária, a lembrança das virtudes e das crenças primitivas de um povo” (p. 13). Com base nessas características, o que se observa é que Beowulf traz tudo isso, o guerreiro se assemelha a Heracles, um semideus legítimo representante do arquétipo idealizado pela musa inspiradora do bardo medieval, existe ao longo do texto uma aura mágica, cheia de feitos inexplicáveis.

Conforme salienta Staiger (1975), a epopeia, na verdade, eterniza lendas seculares e tradições ancestrais, preservadas ao longo dos tempos pela tradição oral ou escrita e é justamente isso que podemos perceber nas evidências do texto e nas entrelinhas de Beowulf.

Na linha de comparação de Beowulf com outros textos, o que sabemos é que os primeiros grandes modelos ocidentais de epopeia de que temos notícia são os poemas homéricos *Iliada* e *Odisseia*, os quais têm a sua origem nas lendas sobre a guerra de Troia. Segundo Coutinho (1987), “a palavra epopeia vem do grego epos (canto, narrativa; poieo, fazer). Também vem da Grécia antiga, na sua forma modelar. Homero foi o criador de duas obras-primas do gênero, a *Iliada* e a *Odisseia*” (p. 767). Comparando Beowulf a essas obras,

certamente muitos elementos convergem entre elas, mas, tendo em vista o contexto de produção de Beowulf, outros elementos divergem de forma significativa.

Nesse sentido, podemos revisitar que Beowulf enquanto epopeia pertence ao gênero épico, mesmo o texto sendo uma gesta medieval com alguns fundamentos históricos, o poema não representa os acontecimentos com fidelidade, conforme se preconiza que uma epopeia tradicional deva fazer. Conforme nos relatam Mitchell e Robinson (1992), o poema fica muito no nível do fantástico e da manipulação de metáforas que dificilmente conseguimos desmistificar nos dias de hoje, e geralmente reveste os acontecimentos relatados com conceitos morais e atos exemplares que funcionam como modelos de comportamento. Nesse sentido, o poema Beowulf, a partir do verso 1750, foca esses aspectos.

Não ostentes orgulho, homem de força!
Agora, o poder da glória perdura.
(BEOWULF, 2007, p. 109).

Do mesmo modo, a linguagem poética, independentemente se ela seja lírica ou épica, é bastante elaborada e mais intensificada que a linguagem comum, ela pode ser interpretada em múltiplos enfoques. Para alcançar essa subjetividade, o poeta lança mão de inúmeros recursos que nem sempre são percebidos por um leitor desavisado. Fernandes (2005, p. 23) nos diz que “a magia poética é resultante do jogo perfeito entre as formas e o conteúdo”. Assim, para o artista construir uma obra que sobreviva à prova do tempo, ele precisa ter um conhecimento amplo do tema que deseja abordar, para assim alcançar as portas da verossimilhança. Talvez seja por isso que Paixão (1991) afirme que “a poesia está sempre revelando uma percepção subjetiva da realidade” (p. 09). Assim, para alcançar esses efeitos, o poema Beowulf utilizou um intertexto bíblico e uma certa relação com as histórias cotidianas dos povos pagãos. Silva (2005) nos fala um pouco sobre isso:

Beowulf é o poema épico de uma cultura que se estabeleceu na Bretanha e que gerou raízes que se fixaram na literatura Inglesa e se espalharam por toda a sua história. Ele também deixa refletir o impacto que o cristianismo exerceu sobre esta mesma literatura desde os seus primeiros momentos.

Dessa forma, ao tratar de Beowulf, devemos reconhecer que esse texto é uma poesia medieval, um organismo multifacetado que nunca se esgota, pois a cada leitura novas interpretações são reveladas. Paz (1982) destaca que “a poesia vive nas camadas mais profundas do ser, ao passo que as ideologias e tudo o que chamamos de ideias e opiniões constituem os estratos mais superficiais da consciência” (p. 49). Entre as formas artísticas, a épica é a mais

elevada. Dessa forma, Beowulf deve ser considerado como a máxima representação da linguagem de seu tempo. Pois essa forma eloquente de criação somente se manifesta quando o poeta atinge o seu maior grau de polimento. Nessa perspectiva, Moisés (2000, p. 238) faz um comentário interessante sobre isso.

É aqui que surge o épico, entendido como categoria poética intrínseca, assinaladora do momento em que o poeta alcança a maturidade interior. Diga-se desde já em que consiste o plano onde se coloca o épico: pode ser considerado aquele para o qual se orienta todo grande poeta, não importa a época e o movimento literário a que pertença. Medieval, clássico, romântico, simbolista ou moderno, todo poeta superior tende para o épico.

Dessa forma, fica em evidência que uma grande obra se faz com empenho e muita engenhosidade e que nada é colocado em um poema de forma aleatória, mas visando alcançar determinados efeitos. Segundo Staiger (1975), "o autor épico não avança para alcançar o alvo, e sim dá-se um alvo para poder avançar e examinar tudo em volta atenciosamente (p. 93). Dessa maneira, pensando no poema Beowulf e buscando esses traços, o que se percebe nessa obra é que existe uma temática muito bem explorada pelo poeta. Mas "ele próprio não participa, não se imiscui no acontecimento. Este não o arrasta como ao poeta lírico" (STAIGER, 1975, p. 77).

Nesse sentido, ao lermos Beowulf, percebe-se que a narrativa do poema flui, caminhando numa perspectiva rítmica, sem mudar o seu foco, que é a busca da simetria, tentando mostrar as grandiosidades do herói. Por isso, é bom lembrarmos a pertinente observação de Staiger (1975, p. 77), que diz o seguinte sobre Homero, mas que se aplica também ao poeta de Beowulf.

Homero ascende da torrente da existência e conserva-se firme, imutável frente às coisas. Ele as vê de um único ponto de vista, de uma perspectiva determinada. A perspectiva situa-se na rítmica de seus versos e lhe assegura sua identidade e sua constância frente ao fluxo das aparências.

Outro aspecto interessante em Beowulf é que, embora saibamos que os feitos são fictícios, com o uso de dados geográficos, intertextos bíblicos e elementos históricos, o poema consegue alcançar um certo grau de verossimilhança, afastando-se um pouco da superficialidade. Dessa maneira, entendendo que Beowulf tem imprimido em suas bases elementos que o colocam no ambiente das grandes epopeias épicas, propõe-se no próximo tópico um histórico e entendimento da mística da obra, para depois desenvolver um estudo sobre as conotações do poema.

2. Histórico, engenhosidade e mística do poema

Como já sabemos, Beowulf é um poema épico, escrito em anglo-saxão com o emprego de inúmeras aliterações, que são as bases sonoras dessa obra. Quanto a isso, Ramalho (2007) explica que a aliteração é “o elemento que urde os versos da poesia em inglês antigo, e que, portanto, não constitui artifício secundário, mas forma de estruturação poética comum às literaturas germânicas antigas” (p. xxi). Sabe-se que esse é o poema mais longo do pequeno conjunto da literatura anglo-saxã e um marco da literatura medieval, com 3.182 linhas. Segundo Vizioli (1992), “Beowulf continua sendo a maior epopeia dos tempos heroicos dos povos germânicos” (p. 35). Apesar de ter sido escrita na atual Inglaterra, a história se refere a eventos ocorridos na Escandinávia, mais especificamente nas atuais Suécia e Dinamarca.

O poema reflete feitos de Beowulf, grande herói da tribo dos gautas, que, com sua força e coragem, livra os dinamarqueses da ameaça de dois perigosos monstros e, após ser coroado rei do seu povo, combate e mata um dragão, numa batalha que lhe custa a vida. Provavelmente, a escolha do dragão como tema dessa parte do poema não foi uma escolha inocente feita pelo poeta, pois, segundo Jung (2008), “na Luta travada pelo homem primitivo para alcançar a consciência, esse conflito entre a sombra e o ego se exprime pela disputa entre o herói arquetípico e os poderes cósmicos do mal personificados por dragões e outros monstros” (p. 154). Isso é, de certa forma, evidenciado nos versos abaixo transcritos:

Era patente que não prosperaram Os homens que, então,
 Esse outro ocultaram, (com seu ato desonesto), ah dentro,
 Entre essas paredes. Primeiramente, O dragão matou Beowulf,
 Que, então mesmo Sendo um grupo, foi morto sozinho.
 (BEOWULF, 2007, p. 187).

Certamente, é ao entender que a mística do mal estava estabelecida no dragão e que toda história narrada deveria caminhar para um fim, pois o herói já dava sinais de envelhecimento e o ciclo natural das coisas deveria se restabelecer, que se justifica neste momento a morte do herói.

Neste sentido, o leitor tem o poder de deduzir muito do que seria propositadamente desvelado pelo poeta, seja ao longo dos versos, ou das imagens refletidas no enredo entoado, pois existem lacunas no poema que devem ser preenchidas por cada leitor. Goldsmith (2013, p. 03) nos diz que “all general studies of the poem have in some measure to fill in the silent intervals in the composition, but there is no unanimity on how this should be done”. Neste sentido, o silêncio que se manifesta em alguns pontos do texto e no entendimento das entrelinhas da obra deve ganhar significância no entendimento do todo, pois, como já dizia

Vizioli (1992), milita contra o leitor contemporâneo todo um contexto que jamais poderia ser reconstruído pelo leitor contemporâneo.

O manuscrito de Beowulf data do século XI, mas provavelmente o poema original pode ter sido escrito antes. A narrativa é lendária, mas alguns eventos e personagens possivelmente históricos dos séculos V e VI são também referidos no texto. Para Beckoff (2000, p. 02), “like all epic poems, Beowulf was originally an oral poem, passed down from one generation to another by word of mouth. Christian monks probably wrote it down about A.D. 1000”. Como já foi dito, trata-se de um texto distinto, com um enredo extremamente previsível, o poema narra as aventuras de Beowulf, herói forte da tribo dos gautas (na atual Götaland, Suécia). Ramalho (2007, p. 27) narra de forma singular parte desse enredo, como pode ser observado na citação abaixo.

Ao ouvir as histórias que afligem a corte dinamarquesa do rei Hrothgar, Beowulf decide viajar com um pequeno grupo de guerreiros a esse país, onde foi recebido pelo rei em Heorot, o grandioso salão da corte. Co'o elmo, lá estava Beowulf, o herói falou (forjada por hábil ferreiro, cintilava-lhe a malha marcial): "Salve, Hrothgár! Sou guerreiro e amigo de Hygelac. Feitos de Glória, eu, jovem, já fiz. Em meu torrão soubemos do terror, Cá, do monstro Grendel: muitos marujos Contam que, ao ocultar-se, sob o céu, a última Luz da tarde, este lar, melhor de todos, Se esvazia.

Assim que chegou, ele se oferece para defender Hrothgar e seu povo dos ataques de Grendel, um ser perigoso, descrito como descendente de Caim e símbolo do mal encarnado, que devora homens inteiros, como pode ser visto nos seguintes versos: “Assim, vingara o Criador a vida De Abel, da raça de Caim — assassino” (RAMALHO, 2007, p. 09). O herói vence e mata Grendel em duelo, utilizando as suas próprias mãos nuas, e essa passagem vem ao encontro do que preconiza a edificação de um típico herói épico, pois "a este super-homem cabe a missão de estabelecer na terra o reino da justiça, da paz e do amor" (D'ONOFRIO, 1981, p. 15).

Logo, a mãe de Grendel, também uma criatura monstruosa, vem vingar a morte do filho com novas carnificinas. Beowulf segue seu rastro até uma caverna submarina, em um lago habitado por monstros aquáticos, onde a combate e vence-a com uma espada feita para matar gigantes. Observa-se com isso a necessidade do poeta de Beowulf de firmar força e seu heroísmo. "Lutamos, mão por mão, nós ambos. E na água borbulhou sangue. Arranquei com o gume do meu gládio a cabeça da mãe de Grendel no salão de guerra" (RAMALHO, 2007, p. 09).

Depois desta aventura, Beowulf e os guerreiros voltaram por mar à terra dos gautas. A narrativa então é interrompida por um longo hiato temporal e logo vemos o mesmo Beowulf,

já idoso e rei entronado do seu país.

D'Onofrio (1981) destaca que isso é "o passado, entendido como maravilhoso e idealizado, é trazido à memória e tornado presente pelo recurso estilístico do *flash-back*, o olhar retrospectivo" (p. 16). A chegada de Beowulf ao trono é explicada brevemente: o rei Hygelac acaba morrendo numa batalha contra os frísios, sendo sucedido por seu filho Heardred. Este é mais tarde morto numa batalha contra as tropas suecas do rei Onela, deixando vazio o trono gauta, que é ocupado por Beowulf. Cinquenta anos após ser coroado rei, Beowulf necessita livrar o reino de um dragão, que foi acordado por um servo que roubara uma taça do seu tesouro ancestral, viajando sob a terra numa canoa (um monte funerário feito pelo homem).

Beowulf; protetor do povo, tão bem
Reinaria sua terra natal (rei
sábio), por cinquenta invernos. Sob 'scura
noite, começaria um dragão, contudo,
(de ouro guardião, num outeiro — sepulcro,
Alta pedra) a atacá-los: via haveria —
Lá dentro, dos homens desconhecida
De achar um ladrão tão astuto, então.
Que (o dragão a dormir) despojará — o
Do cintilante ouro pagão. Sob fúria,
Ao acordar, ele atacaria o arrabalde.
(BEOWULF, 2007, p. 09).

Beowulf, com uma espada e um escudo de ferro, foi para a caverna onde se encontravam o tesouro e o dragão cuspidor de fogo, travou com ele uma feroz batalha. Wiglaf, o mais fiel dos guerreiros, entra na caverna e ajuda o rei a matar a criatura, com um golpe fatal de Beowulf. Essa luta no poema é fundamental, pois exalta o que D'Onofrio (1981) afirma: "O herói épico, quer humano, quer divino, como uma criança, tenta sempre afirmação do próprio ego, não tendo medo da luta, inclusive contra o destino, porque não é súcubo de nenhum conflito existencial" (p. 16). Essa foi a última aventura do herói, que morreu devido às fatais feridas causadas pelo monstro.

O poema finda com o funeral de Beowulf, que é sepultado com o tesouro numa canoa num monte perto do mar, de onde os navegantes pudessem ver. "Ali, no alcantil, fizeram grande fogo funeral" (RAMALHO, 2007, p. 193). O poema reflete a época bárbara em que foi redigido, cheia de tenebrosas guerras, em que os valores mais estimados eram a honra, a coragem e a fortaleza. Outro importante valor da época e observado no texto é a lealdade e respeito entre os guerreiros vassalos e seu rei. Em recompensa pelos serviços prestados pelos guerreiros, o soberano lhes oferecia riquezas e terras. No poema, Beowulf demonstra frequentemente sua extrema lealdade ao rei dinamarquês Hrothgar e aos reis gautas Hygelac e Heardred. Os

personagens, tribos e acontecimentos do poema mostram que a história se passa no século VI, e "mesmo lutando por uma causa coletiva, os protagonistas da poesia épica representam o mais acabado exemplo de individualismo, pois são expressões do desejo do respeito dos direitos humanos, sendo rechaçada qualquer forma de autoritarismo" (O'NOFRIO, 1981, p. 15).

Personagens como os reis Hrothgar e Hygelac aparecem em antigas crônicas e sagas escandinavas, e a guerra contra os frísios em que morreu Hygelac é provavelmente histórica, coincidindo com uma batalha do ano de 516 d.C. mencionada por Gregório de Tours Beowulf. Isso é importante, pois "a característica principal da narração épica, que não é invenção de fatos, mas apenas recordação do que já aconteceu, o narrador só pode expressar através de um ponto de vista objetivo" (D'ONOFRIO, 1981, p. 13).

A leitura do poema não deve ser feita com enfoque no real, mas como uma obra criada para deleite. Outra coisa curiosa é que, nessa época em que os eventos são narrados, os povos escandinavos eram pagãos, mas o texto foca partes da Bíblia e cita Deus, pois os escribas eram cristãos. Segundo Borges (2002), "no caso de Beowulf podemos imaginar o autor como um monge de Nortumbria, que surgiu no norte da Inglaterra, e era leitor de Virgílio, que propôs um experimento, muito ousado na época, o de escrever uma epopeia germânica" (p. 35).

Muitas coisas na narrativa são mais condizentes com valores germânicos pagãos. Beowulf entra nas batalhas consciente de que não é apenas a força e a habilidade que decidirão o resultado, mas também a força do destino, um aspecto típico das sociedades germânicas. Em outros trechos do poema, o narrador atribui o resultado positivo das batalhas à vontade de Deus.

3. Análise do Beowulf

Antes de qualquer coisa, é importante lembrar que o manuscrito de Beowulf é parte de um Códice maior, denominado Cotton Vitellius A. XV e está arquivado hoje na biblioteca britânica, em Londres. Da mesma forma, é bom lembrarmos que este Códice quase se perdeu em 1731, quando a Cotton Library se incendiou. Dessa forma, sabendo que só existe um único manuscrito e que ele ainda quase foi destruído, aumenta ainda mais a mística de estudar esta obra. Para começar, é bom lembrarmos o que Borges (2002) ensina sobre o nome Beowulf: "o nome é em si mesmo uma metáfora que significa 'Lobo das abelhas', e seu sentido é urso" (p. 13).

Começando pelo título, dá para perceber um pouco o quanto a obra é fascinante. Assim, ao lermos Beowulf, é como se um turbilhão de imagens e sons viesse povoar nossa mente. Quanto a isso, Vizioli (1992) observa que "mais surpreendente ainda se torna a variedade

rítmica de Beowulf e mais grato o frescor de muitas de suas imagens. Por isso, essa epopeia de ‘sombria grandeza’ constitui, com justiça, o primeiro monumento literário da Inglaterra" (p. 37).

Mas, para a correta apreciação da obra, é necessário que abandonemos no momento da leitura as comodidades e facilidades da modernidade para habitarmos em uma época em que a humanidade ainda estava fortemente ligada às crenças e incertezas do querer dos deuses sobre o homem e à mobilidade dos conceitos da Idade Média. Dessa maneira, parece pertinente a leitura da citação de Spina (1973), que pondera:

O ingresso na cultura medieval, em especial a literária, não se faz sem pagarmos um pesado tributo; a compreensão dos valores ecumênica, pois as grandes criações do espírito medieval — na arte, na literatura, na filosofia — são frutos de uma coletividade que ultrapassa fronteiras nacionais. (p. 10).

Na verdade, o homem medievo tinha outro olhar sobre a vida e a arte. A maioria das coisas que conhecemos hoje sequer era imaginada pelas pessoas da Idade Média. Pensando assim, o mito e a construção das imagens na poesia medieval não podem e nem têm condições de ser os mesmos expressos na poesia contemporânea. Começando pelo espaço físico, as fronteiras da Idade Média para os dias de hoje já mudaram inúmeras vezes, o clima, claro, não é mais o mesmo, os mares e rios tinham outra mística, assim como a natureza. Nessa época, o tempo não era medido pelos ponteiros do relógio, nem contado por um calendário, como acontece hoje.

Dessa forma, o mistério e o tom poético com toda certeza ganhavam outra conotação, sentido esse de raras belezas, dificilmente encontradas em poesias de outro período. Nos primeiros versos de Beowulf, podemos ler: “Medrou Scyid: privações experimentara (pobre criança, crescera sob céu de nuvens)” (BEOWULF, 2007, p. 03).

Nessa imagem, o que se pode notar é o tom do poeta de pena e temor. Borges (2002) destaca que "no Beowulf temos o sentimento da natureza como algo temível" (p. 23). Talvez seja por isso o sentimento de inúmeros manifestos de contemplação da natureza nos diversos versos do poema que nos conduzem a essa reflexão. Certamente, a invocação “O céu e seus confins que vão além do suspirar de um guerreiro” (BEOWULF, 2007, p. 06) expressa o caráter livre do guerreiro contemplador do espaço místico e sem fronteiras dos tempos medievais. Assim, esse olhar contemplativo se estendia também aos campos, aos animais, às florestas e a todo mistério presente naquele tempo de incertezas.

O guerreiro, com força sobre-humana, conseguia ser o elo que dava ou separava o rei da vitória. Quanto a isso, Staiger (1975) assinala que "a distância é guardada ainda mais

visivelmente com a afirmação sempre repetida de que, na época em que se deu a guerra, os homens eram ainda mais fortes" (p. 79). Quanto a isso, em Beowulf, podemos ver:

"nove monstros marinhos
Anulei com o meu gládio. Sob o arco
Do céu, não se viu luta acerba
(noturna) nem, no mar, menos fausto homem."
(BEOWULF, 2007, p. 37).

Ao lermos esses versos, as imagens desse guerreiro em combate são construídas na mente do leitor e é bom lembrarmos que, por mais que o poema tente pré-formar o arquétipo desse guerreiro, nenhum herói construído na mente do leitor é igual a outro. Todos são construídos, desconstruídos e reconstruídos de acordo com o poder de imaginação de cada receptor. Segundo Langer (2006),

Criar a ilusão primária poética, fazer com que o leitor se atenha a ela, e desenvolver a imagem de realidade de maneira que tenha significação emocional acima das emoções sugeridas, que são elementos nela, é o propósito de toda palavra que escreve o poeta. Ele pode usar as aventuras de sua própria vida ou o conteúdo de seus sonhos [...]. A única condição é que materiais, seja de que fonte for, devem ser partes completamente do uso artístico, inteiramente transformados, de maneira que não provoquem um desvio para longe da obra, mas lhe deem, em vez disso, o ar de ser realidade. (p. 255).

Nesse sentido, qualquer esforço de mostrar as nuances das imagens em Beowulf é possível até certo ponto, pois "diante das imagens que os poetas nos oferecem, diante das imagens que nós mesmos nunca poderíamos imaginar, essa ingenuidade de maravilhamento é inteiramente natural" (BACHELARD, 2006, p. 04), pois muitas vezes não conseguimos definir esse estado, mas o sentimos. Buscando a sensação das imagens, é importante ler Beowulf, observando que ele traz encerrado em seus versos lágrimas, trevas, dor, tristeza e morte, que são evidenciadas em muitos momentos. Mas o que mais chama atenção é quando este encantamento está ligado ao guerreiro e este aspecto é fortemente apresentado no início do velório do pai de Beowulf.

"Atou-se o negro fume da acha acima
Do fulgor e do crepitar das flamas
O som deste, pois, misturado ao pranto."
(BEOWULF, 2007, p. 193).

As conotações não são somente de tristeza, mas também de alegrias, vitórias, vida, amor, redenção e luz, como podem ser observadas em certas partes, talvez pelas escolhas das palavras usadas, pois "as palavras, mediante o simbolismo que podem encerrar, estendem seus significados além de sua dimensão vocabular" (FERNANDES, 2005, p. 43). Como se observa

nesse fragmento:

"Feliz fez-se
Dono de cabedal (co'o seus cabelos Grises),
(Getes Danos de Glória, o guerreiro) E príncipe (do povo protetor)
De Beowulf ouvindo o bom objetivo.
Gargalharam guerreiro. Grande estrondo
Felizes talas."
(BEOWULF, 2007. p. 39).

Dessa forma, sabendo que o poema é uma grande metáfora, repleto de significâncias que são traduzidas somente pelo leitor atento, Beowulf é uma fusão da cultura cristã com elementos pagãos. Isso é facilmente confirmado pelo intertexto bíblico e pela maneira como o funeral de Beowulf é organizado.

Mas essas não são as únicas imagens que evidenciam isso. O guerreiro pagão Beowulf, assim como Cristo, deu a vida para salvar o seu povo. Da mesma maneira, Beowulf busca não somente expressar o universo de guerras da idade das trevas, mas mais ainda o equilíbrio entre as crenças.

Ainda tem que ser levado em consideração que ler esse poema é mergulhar nas origens da literatura inglesa, num período em que a língua ainda estava em seu estágio de evolução mais embrionário. Outro aspecto necessário e digno de observação são as aliterações e o final consonântico que conferem ao poema um tom ainda mais masculino, próprio do forte guerreiro que se constrói ao longo do texto. Nesse sentido, Fernandes (2005) pondera que "O poema é, deste modo, uma unidade que apresenta faces inúmeras, vistas somente no subterrâneo da linguagem e do discurso em seu todo. Construir o poema é descer à profundidade das palavras e perscrutar os seus mistérios, todas as suas potencialidades" (p. 57).

Por isso, é impossível passar despercebida a materialização do imagético que se forma a cada verso construído pelo poeta. Tudo isso de forma cuidadosa, buscando uma narratividade que se divide em três grandes momentos, que se materializam no nascimento, ascensão e queda do guerreiro. Assim, ainda mostra um universo repleto de lanças, escudos, sangue, amor lealdade e traição. Dessa maneira, o sentimento que se tem é que o poema se constrói como se fosse um muro. A obra está completa, mas os tijolos são os versos, e a conotação semântica é o cimento que os une, formando um todo harmônico que ganha um novo sentido a cada nova leitura, que não pode ser prevista pelo poeta ao compor o seu trabalho.

Talvez seja nesse sentido que Lima (2005) afirme que o Poeta está preso num labirinto escuro e luta agora para descobrir a saída. A poesia somente será verdadeira quando for conhecida em toda sua plenitude pelo poeta (p. 41). Ele é a pessoa que transforma linguagem

comum em sonhos e sabemos que isso jamais seria possível se não tivéssemos por trás de tudo um grande pedreiro das palavras que infelizmente não quis se identificar, mas fica aqui o nosso eterno respeito e admiração.

CONCLUSÃO

Ao desenvolver esse trabalho, foi possível entender, a partir do posicionamento de autores como Eagleton (2006), Fernandes (2005), Paz (1982), Spina (1973) e outros, que a leitura de uma poesia composta na Idade Média é bastante desafiadora, mas perfeitamente possível e pode gerar diversos benefícios para a formação dos acadêmicos ou qualquer outro indivíduo que aceite o desafio de lê-la. Na verdade, o que precisa ser conscientizado é que ler uma poesia como Beowulf é adentrar em um universo que precisa ser totalmente recriado pelo leitor contemporâneo, pois a Idade Média tem um encanto, uma inocência e um misticismo que em nada se assemelham ao que vivemos hoje.

Dessa forma, por mais que tentemos esgotar os diversos significados da narrativa de Beowulf, sempre haverá uma lacuna onde ninguém ainda conseguiu chegar. Pois as bases da inspiração dos grandes poetas, sejam eles medievais ou contemporâneos, estão nas habilidades de manipulação e engenhosidade com a palavra, por isso que a obra do verdadeiro poeta nunca morre e sempre renasce a cada geração, incentivando novos pesquisadores a se aventurarem em seus versos.

A forma de compor do criador de Beowulf nos conduz para um labirinto de significados, o que dá ao poema uma estrutura bastante moderna, não na temática ou estilo de composição, mas sim na forma eloquente de narrar, que muitas vezes uma obra contemporânea não tem. A poesia épica medieval precisa acima de tudo ser lida para podermos compreender a sua gênese, para assim podermos melhor avaliar os trabalhos contemporâneos. Vimos que, por manter uma narratividade e conflitos constantes, o poema Beowulf não perde o seu brilhantismo e não nos parece feio. Mas, pelo contrário, consegue com seu esplendor cativar o leitor, desde seus primeiros versos.

Dessa maneira, a proposta parece que foi devidamente desenvolvida e chegamos aqui com uma sensação de dever cumprido, pois fomos além da superficialidade e adentramos no íntimo dessa poesia labiríntica anglo-saxã analisando o Beowulf enquanto épica, a sua história e mística, assim como a profundidade das imagens, imprimidas na obra. Dessa maneira, espera-se que esse artigo contribua como fonte de discussão e para a constante reflexão da épica medieval.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do Devaneio**. São Paulo: Martins Fontes. 2006.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BECKOFF, S. **English Literature I: 700 – 1600**. Kansas: McCormick-Mathers, 2000.
- BORGES, J. L. **Curso de literatura inglesa**. (Org.). Martín Arias e Martín: Martins Fontes, 2002.
- BURGESS, A. **English Literature**. London, New York: Longman, 2000.
- COUTINHO, A. **Notas de Teoria Literária**. São Paulo: Cultrix, 1987.
- D'ONOFRIO, S. **Da Odisseia ao Ulisses: Evolução do gênero Narrativo**. São Paulo: Livraria Duas Caras, 1981.
- EAGLETON, T. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FERNANDES, J. **O Selo do Poeta**. Rio de Janeiro: Editora da UFG, 2005.
- GOLDSMITH, M.E. **The Mode and Meaning of Beowulf**, New York: Longman, 2013.
- GOLDEN, M.; LAPIDGE, M. **The Companion to Old English Literature**. London: Oxford Print Press, 1991.
- JUNG, G. C. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2008.
- LANGER, Susanne K. **Sentimento e forma**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- LIMA, M. F. G. **O Signo de Eros na poesia de G.112 T**. Goiânia: UCG, 2005.
- MCDOWALL, D. **An Illustrated History of Britain**, London: Longman, 1989.
- MITCHELL, B., ROBINSON, F.C. **A Guide to Old English**, London: Blackwell, 1992.
- MOISÉS, M. **A Criação Literária – I Prosa**. São Paulo: Cultrix, 2000.
- PAIXÃO, F. **O Que é Poesia**. São Paulo: Brasiliense. 1991.
- PAZ, O. **O Arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- RAMALHO, E. **Beowulf**. Belo Horizonte: Tessitura, 2007.
- ROSENFELD, K. H. **A História e o Conceito na Literatura Medieval**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SPINA, S. **Iniciação na Cultura literária medieval**. Rio de Janeiro: José Olímpio. 1973.

STAIGER, Emil. **Conceitos Fundamentais da Poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1975.

VIZIOLI, Paulo. **A literatura Inglesa Medieval**. São Paulo: Nova Fronteira. 1992.

